

**X COMISSÃO PARLAMENTAR DE INQUÉRITO À TRAGÉDIA DE  
CAMARATE**

**21 DE ABRIL DE 2015**

**(58.<sup>a</sup> REUNIÃO)**

**ORDEM DE TRABALHOS:**

*1. AUDIÇÃO DO SR. TENENTE-CORONEL JOSÉ BERNARDO DO CANTO E CASTRO.*

## SUMÁRIO

O Sr. Presidente (José de Matos Rosa) deu início à reunião às 10 horas e 43 minutos.

O Sr. Tenente-Coronel José Bernardo do Canto e Castro (Membro do Conselho da Revolução), através de videoconferência, respondeu aos Srs. Deputados Miguel Santos (PSD) e José Ribeiro e Castro (CDS-PP) e também aos Srs. Representantes dos Familiares das Vítimas Dr. Alexandre Patrício Gouveia e Eng.º Nuno Cerqueira.

A Comissão aprovou três requerimentos de audições, tendo-se pronunciado o Sr. Deputado Miguel Santos (PSD).

O Sr. Presidente encerrou a reunião eram 13 horas e 5 minutos.

O Sr. **Presidente** (José de Matos Rosa): — Srs. Deputados, declaro aberta a reunião.

*Eram 10 horas e 43 minutos.*

Bom dia, Srs. Deputados e Sr. Tenente-Coronel José Bernardo do Canto e Castro, começo por dar-lhe as boas-vindas a esta audição por *skype* e agradecer a sua disponibilidade.

Peço-lhe, Sr. Tenente-Coronel, que se identifique, que diga o seu nome, o que faz...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro** (Membro do Conselho da Revolução): — Sou tenente-coronel reformado da Força Aérea, tenho 73 anos... Praticamente, é isto.

O Sr. **Presidente**: — Pode dizer o seu nome?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — José Bernardo do Canto e Castro.

O Sr. **Presidente**: — Muito obrigado.

Informo que a X Comissão Parlamentar de Inquérito à Tragédia de Camarate «(...) tem por objeto dar continuidade à averiguação cabal das causas e circunstâncias em que, no dia 4 de dezembro de 1980, ocorreu a morte do Primeiro-Ministro Francisco Sá Carneiro, do Ministro da Defesa Nacional Adelino Amaro da Costa e dos seus acompanhantes (...)», designadamente dando seguimento às recomendações emitidas pelas VIII e IX Comissões Parlamentares de Inquérito.

Peço ao Sr. Tenente-Coronel que preste juramento, que refira de viva voz que vai dizer a verdade e somente a verdade.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Vou dizer a verdade e só a verdade nas respostas às perguntas que me fizerem.

O Sr. **Presidente**: — Muito obrigado.

Quero informá-lo que o falso depoimento implica a prática de crime punido com pena de prisão até cinco anos ou multa até 600 dias.

Como já referi ao Sr. Tenente-Coronel, vai haver, pelo menos, duas rondas de perguntas que serão feitas pelos Srs. Deputados, pergunta e resposta, como se fosse uma conversa normal.

Não sei se o Sr. Tenente-Coronel pretende fazer uma intervenção inicial ou se passamos logo à fase das questões.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não vejo necessidade de fazer qualquer intervenção inicial.

O Sr. **Presidente**: — Muito bem, Sr. Tenente-Coronel.

Assim sendo, tem a palavra o Sr. Deputado Miguel Santos.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Bom dia, Sr. Tenente-Coronel, antes de mais agradeço o facto de se ter disponibilizado para participar nos trabalhos desta Comissão de Inquérito, obviamente que em circunstâncias especiais, porque estamos a fazê-lo ao vivo, mas não pessoalmente, e tentarei que isto não constitua um obstáculo às perguntas que quero colocar-lhe.

Sr. Tenente-Coronel, gostaria de saber se, sobre Camarate, sobre o Fundo de Defesa Militar do Ultramar (FDMU) ou sobre a questão do tráfico de armas, o Sr. Tenente-Coronel alguma vez foi ouvido na Assembleia, nas comissões de inquérito. Pelo levantamento que fizemos isso nunca terá acontecido, mas gostaria de saber se alguma vez prestou declarações sobre estas matérias em órgãos de polícia criminal, ou seja, Polícia Judiciária ou Ministério Público.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Nunca.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Depois de todos estes anos o Sr. Tenente-Coronel dispõe-se a prestar declarações aqui, na Comissão de Inquérito, e eu pergunto: porquê? Por que é que, passados tantos anos, acedeu e disponibilizou-se para esta audição?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — É a primeira vez que me pedem para ser ouvido. Nunca ninguém me pediu para ser ouvido sobre essa questão.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não acha estranho? Não sei se este é o qualificativo adequado, mas não acho curioso que, em face das funções que desempenhou, nunca tenha sido questionado sobre o Fundo de Defesa Militar do Ultramar, Camarate e o tráfico de armas?!

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — A mim nunca perguntaram isso. Eu perguntei uma vez em Conselho, a pedido

do Eng.º Adelino Amaro da Costa, quem geria o Fundo e a resposta que me deram foi que era o Estado-Maior-General das Forças Armadas (EMGFA).

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Quando refere «Conselho», só para ficar registado, está a referir-se ao Conselho da Revolução?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Com certeza.

O Eng.º Amaro da Costa foi uma vez a minha casa — foi várias vezes a minha casa, mas agora refiro-me a uma das vezes — e perguntou-me o que é que eu sabia sobre o fundo do ultramar e eu disse-lhe que não fazia a mais pequena ideia do que se passava com esse Fundo. E ele perguntou-me: «Você não é capaz de saber?». Fiz a pergunta no Conselho e a única resposta que obtive foi a de que o Fundo era gerido pelo Estado-Maior-General das Forças Armadas.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Tenente-Coronel, ao que julgo saber pelas poucas entrevistas que ao longo dos anos deu a órgãos de comunicação, o Sr. Tenente-Coronel tinha uma relação de amizade pessoal e de proximidade com o então Ministro da Defesa, Eng.º Adelino Amaro da Costa.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Com o Eng.º Adelino Amaro da Costa e com o Dr. Francisco Sá Carneiro.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Se era uma relação de amizade e de proximidade, significava que falava assiduamente com um ou com outro.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eu não direi assiduamente, mas falávamos de quando em vez. O Dr. Francisco Sá Carneiro foi duas ou três vezes a minha casa. Nós morávamos os dois na D. João V, a minha casa era na D. João V, um bocadinho acima da casa dele, e ele, de vez em quando, passava por lá. Não sei quantas vezes, já não me recordo, mas para aí três, quatro, vezes.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E o teor das conversas com o Dr. Francisco Sá Carneiro eram de que género? Eram questões políticas, questões específicas?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eram questões políticas. As perguntas que ele me fazia eram sobre como é que a parte militar via o desempenho de determinadas atuações.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Regressando à questão do Sr. Eng.º Adelino Amaro da Costa, a essa conversa que teve com o então Ministro da Defesa acerca do Fundo de Defesa Militar do Ultramar, pergunto: consegue cronologicamente situar a conversa?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Isso já foi há tantos anos, mas julgo que terá sido para aí umas duas ou três semanas antes do acidente.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Duas ou três semanas antes do 4 de dezembro, foi isso?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Exatamente!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Nessa conversa, o Sr. Eng.º Adelino contou-lhe alguns detalhes ou foi só mesmo a pergunta acerca do Fundo? Não especificou, acerca do Fundo, o que o preocupava?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Ele perguntou-me sobre o Fundo de Defesa Militar do Ultramar e eu respondi-lhe que não sabia absolutamente nada. Tinha uma vaga ideia da existência desse Fundo, mas não fazia a mais pequena ideia onde é que esse Fundo se encontrava, quem o geria, etc. Ele perguntou-me se eu era capaz de obter alguma informação sobre isso e eu disse-lhe que ia fazer a pergunta em Conselho. Fiz a pergunta em Conselho, julgo que a reunião do Conselho ocorreu dois ou três dias depois dessa nossa conversa, e a resposta que me deram foi que o Fundo era gerido pelo Estado-Maior-General das Forças Armadas. E eu disse «Muito obrigado!» e comuniquei isso, por telefone, ao Eng.º Adelino Amaro da Costa.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Nessa comunicação de volta ao Eng.º Adelino Amaro da Costa, ele não especificou mais nada acerca do Fundo?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não. Não especificou mais nada.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Portanto, a conclusão que se pode retirar dessas duas conversas breves, ao que eu estou a perceber, é que o Sr.

Eng.º Adelino Amaro da Costa estava preocupado com o Fundo e estava a fazer perguntas sobre a utilização do Fundo e quem o utilizava.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Exatamente!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Tenente-Coronel, pelas nossas investigações, pelas nossas leituras, para nós, PSD, resulta claro que o Fundo funcionava como um verdadeiro «saco azul». E isto porquê? Porque continuou a subsistir depois do 25 de Abril e depois de terem terminado as guerras no ultramar, supostamente para liquidar compromissos assumidos anteriores relativos às compras de material de guerra para fornecer ao Exército. Mas, a partir de determinada altura, o Fundo funcionou sem aprovações, sem controlo, e há, no ano de 1980, esta preocupação do Sr. Ministro da Defesa. E, então, o Conselho da Revolução tomou uma iniciativa legislativa: aprovou um diploma que extinguiu o Fundo.

O Sr. Tenente-Coronel tem memória desta deliberação?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não tenho! Não tenho, não! E só agora é que estou a tomar conhecimento do objetivo desse Fundo depois do 25 de Abril.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Ao que nós apurámos, a razão de o Fundo subsistir após o 25 de Abril, sobretudo após o fim das guerras coloniais, seria para pagar compromissos assumidos anteriormente e cuja execução se prolongava no tempo, mas, a partir de determinada altura, já só se justificava com supostos investimentos físicos em estruturas do Exército em Portugal e com compras variadas.

Mas, Sr. Tenente-Coronel, se me permite, deixe-me regressar ao registo do diploma que o Conselho da Revolução aprovou. Esse diploma declara a extinção do Fundo, cria um fundo sucedâneo, a que chamam fundo privativo, sempre na esfera do Estado-Maior-General das Forças Armadas e do Chefe do Estado-Maior-General das Forças Armadas — e quando digo «na esfera» quero dizer na competência legal para aprovar contas de anos findos e planos de emprego das verbas para os anos seguintes —, e foi aprovado em reunião do Conselho da Revolução.

Há aqui ainda mais um detalhe, que vou dar-lhe, para tentar ajudá-lo a avivar a memória: segundo conseguimos apurar da ata dessa reunião do Conselho da Revolução...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sr. Deputado, deixe-me acrescentar só uma coisa: eu não tenho memória alguma da aprovação desse diploma no Conselho. Eu estive, praticamente, em todas as reuniões do Conselho e não tenho memória disso.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Tenente-Coronel, vou dar-lhe mais um dado para tentar ajudar a avivar-lhe a memória: nessa reunião do Conselho da Revolução, segundo apurámos da ata, não foi discutido o Fundo, foi simplesmente votado o diploma que o extinguiu mas que criava logo um fundo privativo para lhe dar continuidade e o Sr. Tenente-Coronel consta como tendo participado nessa reunião.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eu não tenho memória nenhuma da aprovação desse diploma. Isso é capaz de ter sido uma daquelas coisas do género: «Agora, vamos aprovar este diploma...» e não houve explicações. Isto porque, se se tivesse discutido

minimamente, eu teria memória disso, uma vez que até já tinha havido a pergunta do Eng.º Adelino Amaro da Costa.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Pois, é que tudo se passa...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não tenho qualquer ideia disso.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — De acordo com aquilo que o Sr. Tenente-Coronel acabou, há pouco, de nos descrever, sobre as conversas com o Ministro da Defesa, o Eng.º Adelino Amaro da Costa...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não estou a ouvir.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não está a ouvir-me, Sr. Tenente-Coronel?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não estou a ouvir.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Vou continuar a falar, para ver se...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — É o meu computador diz que temos problemas de conexão com a *Internet*.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas nós estamos a ouvi-lo perfeitamente. A ouvi-lo e a vê-lo.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não vos estou a ver e, por vezes, há interrupção na conversa.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas, quando assim acontecer, nós voltamos atrás, eu, pelo menos, voltarei atrás.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Muito bem!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Essa conversa que teve com o Eng.º Adelino Amaro da Costa, que nos referiu ter acontecido duas a três semanas antes do 4 de dezembro de 1980, está inserida nesta coincidência da sucessão de factos, porque a tal reunião de que lhe falo, do Conselho da Revolução, acontece também nessa altura, em 29 de outubro de 1980. Portanto, estava tudo a acontecer ao mesmo tempo, eventualmente, interligado.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Pois, logicamente, parece-me que sim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Ou seja, os dados que temos são os de que o Ministro da Defesa estava a fazer perguntas, eventualmente incómodas, sobre o Fundo, estava a investigar o Fundo e, paralelamente, na mesma altura, exatamente em 29 de outubro de 1980, o Conselho da Revolução é levado, ou não, talvez, a aprovar um diploma que extinguiu o Fundo. Mas o curioso é que, lendo a ata dessa reunião do Conselho da Revolução, não aconteceu uma discussão sobre a matéria e, portanto,

subsumimos que essa discussão terá acontecido num outro momento, eventualmente, num outro fórum. Isto porque, nesse dia, o Conselho da Revolução não discute e, pura e simplesmente, aprova o diploma que extingue o Fundo. E o Sr. Tenente-Coronel consta da ata como tendo, também, estado presente.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Se tivesse havido discussão, de certeza que me lembraria.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Pode ter sido por esse facto.

Sr. Tenente-Coronel, essa deliberação, a aprovação desse diploma legal acontece no dia em que o Conselho da Revolução também discute a exoneração do Major Valentim Loureiro das Forças Armadas. Isto não o ajuda a...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Perdão, o Conselho da Revolução discute o quê?

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Vou repetir, Sr. Tenente-Coronel.

Sr. Tenente-Coronel, só para ajudar a recordar essa reunião, refiro um outro facto relevante: nessa reunião de 29 de outubro, em que é aprovada a extinção do Fundo, sem ser discutida a matéria, também é discutida a exoneração do Major Valentim Loureiro das Forças Armadas. Não sei se isto ajuda, eventualmente, a recordar essa reunião.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Recordo-me desse pedido da exoneração do Valentim Loureiro, que julgo que foi feito pelo Vítor Alves, e isso deu alguma discussão. Lembro-me

dessa reunião. Lembro-me desse assunto, discutido na reunião... Já lá vão tantos anos... Do que lá foi discutido não me lembro, mas lembro-me de ter havido uma reunião em que isso foi discutido.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas não consegue recordar a questão do Fundo, nessa mesma reunião.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não consigo, de maneira nenhuma.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Muito obrigado, Sr. Tenente-Coronel.

Passamos, então, para um outro tema, que se relaciona com um conjunto de pessoas, nomeadamente duas, de que o Sr. Tenente-Coronel, com certeza, já ouviu falar, que são o Sr. Fernando Farinha Simões e o Sr. José Esteves, que, ao longo dos anos e desta Comissão de Inquérito, nos relatam uma sucessão de acontecimentos e uma explicação do que aconteceu em Camarate, do atentado de Camarate, envolvendo também o tema do tráfico de armas. Esses dois senhores, o Sr. Farinha Simões e o Sr. José Esteves, referem muitas vezes o nome do Sr. Tenente-Coronel e...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eu sei, eu vi isso na imprensa.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Na versão que nos relatam, e que foi relatada aqui, na Comissão de Inquérito — está gravado —, situam o Sr. Tenente-Coronel em várias reuniões e como sendo uma das pessoas que preparou e orientou, nomeadamente, o atentado de Camarate.

O Sr. Tenente-Coronel conhece o Sr. José Esteves?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, nunca o vi! Não conheço nem ele, nem o Simões. Julgo que o Simões terá dito que me conhecia, porque vivia no mesmo prédio em que eu vivi, em Angola, durante o tempo em que lá prestei comissão. Não faço a mais pequena ideia dele, nem, sequer, tenho uma imagem das duas pessoas em questão.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Portanto, nunca falou, nunca conheceu o Sr. José Esteves e o Sr. Farinha Simões.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Nunca, nunca!

Posso acrescentar qualquer coisa: julgo que essa história toda nasce pelo facto de o José Esteves ter estado preso com um senhor que era sobrinho do Manuel Maria Múrias, de quem eu era amigo, um tal João Múrias. A esse Sr. João Múrias, aluguei-lhe um carro, porque, na altura, eu tinha um cartão *gold* da Avis, para fazer umas diligências quaisquer que o tio lhe tinha pedido. Foi para Espanha com o carro e, depois, no fim, eu tive de pagar. Eu comuniquei isso ao tio, enfim, fiquei um bocado agastado com essa questão, e o tio disse: «Olha, não tenho dinheiro para te pagar, mas vou falar com ele...». Parece que, em consequência disso, os irmãos deram-lhe uma surra valente. Julgo que daí... É claro que conheci pessoalmente o João Múrias, conhecia a vida dele, conhecia a família, enfim, ele vinha a minha casa de vez em quando, com o tio, e julgo que esse conjunto de circunstâncias levou-o a imaginar esse...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Tenente-Coronel, voltando um bocadinho atrás, quem afirma que era seu vizinho, em Angola, é o Sr. José Esteves, não é o Sr. Farinha Simões.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Ah, é o José Esteves.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — É o José Esteves. O Sr. Tenente-Coronel...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Vivia num prédio de vários andares, já não sei quantos, mas era uma centena de apartamentos, o homem deveria ver-me fardado, quando eu saía e entrava, mas não faço a mais pequena ideia quem é esse homem.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Qual era o nome da rua da sua residência em Angola, Sr. Tenente-Coronel?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Era a Avenida dos Combatentes, em Luanda, Angola.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — É exatamente a mesma morada em que o Sr. José Esteves afirma que morava, no 8.º piso, diz ele.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Já não me recordo do número, mas era no fundo da Avenida dos Combatentes.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Tenente-Coronel, julgo que deve ter tido acesso ao relato que o Sr. José Esteves, o Sr. Farinha Simões e o Sr. Carlos Miranda, porque há um terceiro elemento deste grupo, um senhor de nome Carlos Miranda... Este nome também não lhe diz nada?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! Não me diz absolutamente nada!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas, com certeza, teve oportunidade de ler esse depoimento, até porque é público, foi publicado um depoimento do Sr. Farinha Simões...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Li esse depoimento.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sobre as pessoas, já sabemos que não as conhece, nunca falou com elas, mas, sobre os factos que aí vêm descritos, encontra alguma informação relevante, alguma informação em que o Sr. Tenente-Coronel tenha participado ou tenha tido conhecimento de que tenha acontecido?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não! Eu acho que aquilo é tudo uma ficção completa. A história que eles contam é uma ficção completa. Do meu ponto de vista, é uma ficção completa. Agora, se há alguma veracidade em alguma das coisas que eles contam, não faço a mais pequena ideia.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Sr. Tenente-Coronel nunca conheceu um cidadão norte-americano de nome Frank Sturgis?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Nesse relato que esses senhores fazem, os Srs. José Esteves e Farinha Simões colocam o Sr. Tenente-Coronel numa reunião no Hotel Altis, com os próprios e com esse Sr. Frank Sturgis.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, isso é completamente falso.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não vou insistir nesta versão, uma vez que o Sr. Tenente-Coronel já respondeu, e, portanto, acho que não vale a pena estar aqui a repetir as perguntas.

Vamos, então, ao Sr. João Múrias, que esteve muito recentemente aqui, na Comissão, a prestar depoimento.

O Sr. Tenente-Coronel é-nos referido como sendo sócio ou como tendo sido sócio de uma empresa chamada «Grupesca».

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sim, sim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — A que é que se dedicava esta empresa?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — À pesca na Guiné-Bissau.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E a mais alguma atividade paralela?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, nenhuma atividade paralela, única e exclusivamente pescas na Guiné-Bissau.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Sr. Tenente-Coronel ainda tem contacto ou, nos últimos anos, falou com o Sr. João Múrias?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Com o João Múrias?

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sim.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, nunca mais, nunca mais. Nunca mais falei com ele.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Esta empresa, a Grupesca, foi constituída em que altura?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Desculpe, pode repetir? É que houve interrupção.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Repito, sim, senhor.

Quando é que esta empresa, a Grupesca, foi constituída?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Para dizer a verdade, já nem me lembro.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas estamos a falar de final dos anos 70, início dos anos 80...?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Depois do fim do Conselho da Revolução.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Muito bem.

Esta empresa já não existe, portanto, imagino que tenha sido...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não existe, não! Faliu! Custou-me um dinheirão, um terço do meu ordenado.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Quando é que a empresa faliu?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Julgo que uns três ou quatro anos depois de ter sido formada.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Portanto, em 1986 ou 1987?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Julgo que sim, mas não tenho a certeza. Isso já foi há tanto tempo que já não me recordo das datas.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Quem eram os restantes sócios da Grupesca, Sr. Tenente-Coronel?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Os sócios da Grupesca era o Henrique Nunes, era um homem que também já morreu — como é que ele se chamava? —, o Marcelino de Brito e havia mais dois que já não me recordo bem se eram sócios efetivos, ou não, mas, pelo menos, eram entendidos como sócios.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E esta empresa foi formada por iniciativa de quem?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Esta empresa foi formada por iniciativa de um pedido que me fizeram na Guiné-Bissau e foi formada por mim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Qual foi a relação existente ou que foi estabelecida com os Srs. Henrique Nunes e Marcelino de Brito...?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Estabelecida com quem?

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Com os seus sócios, como é que encontrou os seus sócios...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — O Marcelino de Brito entrou pela mão do Henrique Nunes para ser o sócio capitalista, mas verificou-se, depois, que capital ele não tinha.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Era pouco.

Qual era a atividade profissional do Sr. Marcelino de Brito?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Julgo que era sócio de uma empresa de armamento, a Defex.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E o Sr. Henrique Nunes?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Conheci o Henrique Nunes porque ele era ajudante do Vítor Alves. Ele sabia das minhas relações com a Guiné e, aquando do pedido pelo então Ministro dos Transportes da Guiné para se fazer uma empresa de pescas, falei com ele, perguntei-lhe se conhecia alguém que tivesse dinheiro para entrar na empresa e ele disse-me que iria falar com alguém. Falou com o Marcelino de Brito, que, mais tarde, entrou na empresa como sócio capitalista.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Tenente-Coronel, é possível que o terceiro nome de que não se recordava —, neste caso, o quarto sócio —, seja o Sr. José Avelar?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não! O José Avelar não foi sócio. O José Avelar foi meu ajudante de campo durante o tempo do Conselho.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Tenente-Coronel, quando o Sr. João Múrias esteve aqui, na Comissão, entre outras coisas, referiu-nos que

esta a Grupesca era uma fachada para a exportação ilegal de armas via Guiné-Bissau.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Isso é completamente falso! É completamente falso! O João Múrias, aliás, é um psicopata completo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Ele contou-nos que havia saída de barcos de Alcântara, com uma regularidade semanal, quinzenal, carregados de armas — o próprio João Múrias via saírem — para a Guiné e que, depois, regressavam da Guiné carregados de peixe.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Isso é completamente falso! Isso é completamente falso! Mais: os barcos saíam de Lisboa e iam para a Guiné, onde estavam durante cerca de dois ou três meses e, depois, regressavam com o peixe que podiam trazer. Nunca, mas nunca, houve qualquer carregamento que não fosse de mantimentos para a Guiné-Bissau, que, aliás, como julgo que os senhores devem saber, tinha uma falta completa de praticamente tudo, e quando o barco regressava, fazia-o só com peixe. Aliás, julgo que os comandantes desses barcos podem confirmar o que vos estou a dizer.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Tenente-Coronel, que tipo de peixe é que era importado da Guiné, que vinha nesses barcos?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — O Sr. Deputado pergunta bem, mas eu entendo muito pouco de peixe. Não faço a mais pequena ideia.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Portanto, peixe só na mesa, não é?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Para mim, peixe só na mesa.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Pergunto isto porque, na descrição do Sr. João Múrias, os barcos saíam de Alcântara com armas; na Guiné-Bissau carregavam um peixe pequeno que não era apreciado em Portugal; regressavam via Las Palmas, onde estava o Sr. João Múrias; em Las Palmas, esse peixe pequeno era trasladado e comprado pelos russos, por quem era apreciado, e o barco era de carregado camarão, que era, efetivamente, o peixe que chegava a Portugal.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Isso é completamente falso! É completamente falso! A única coisa que o João Múrias fez na Grupesca foi o calote que me deu, relativamente ao aluguer do carro.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Tenente-Coronel, na verdade o que o sócio principal — estou a qualificá-lo assim —, pelo menos, aquele que iria injetar capital na Grupesca, e depois percebeu-se que de capital também havia pouco, o Sr. Marcelino de Brito, podia trazer, na altura, à Grupesca era o capital e, eventualmente, o conhecimento que tinha da indústria e do circuito de armamento, porque ele também era sócio da Defex.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! A única coisa que o Marcelino de Brito iria trazer, e nunca trouxe, era o capital. Tudo o que respeitava a assuntos de armamentos o Marcelino de Brito tratava na Defex, que era a empresa que tinha precisamente esse objetivo. Ele nunca, ou, melhor, tanto quanto sei — e duvido muito que o meu conhecimento não seja completo —, ele nunca discutiu qualquer assunto de armamentos na Grupesca.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Portanto, o facto de o sócio de capital da Grupesca ser também sócio de empresas de armamento é uma mera coincidência.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — É uma mera coincidência! Aliás, ele só entrou para a Grupesca, enfim, com o meu desagrado.

Eu segurava o Garnel como sócio, mas havia o entendimento de que o Garnel também participaria, digamos assim, se alguma vez houvesse lucros. Era uma questão entre eles. Ele apenas representava o capital. Nunca houve qualquer discussão sobre armamento no tempo em que ele esteve na Grupesca.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Sr. Tenente-Coronel, para além de ser sócio desta empresa Grupesca, era sócio ou estava, de alguma forma, associado a mais alguma empresa?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! Não estava associado a mais nenhuma empresa.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Portanto, a referência que nós temos de que estaria associado a uma empresa chamada «Montagrex» não é verdadeira.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, senhor! Quem estava na Montagrex era o meu antigo ajudante de campo, o Avelar.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Sr. Tenente-Coronel nunca teve associado, ou relacionado, ou nunca trabalhou, de alguma forma, para uma empresa chamada «Montagrex»?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não! As pessoas da Montagrex era gente que eu conhecia, os dois irmãos Simas, ex-alunos do Colégio Militar e ambos do Exército, julgo que de artilharia. São amigos meus, que conheço de longa data. Era esta a minha relação. E foi por esta razão que eles levaram o Avelar para a empresa deles.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Esta empresa dedicava-se a que atividade?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eu julgo que a empresa se dedicava à importação e exportação de armamento.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Tenente-Coronel, uma empresa inglesa chamada «BAE Systems» diz-lhe alguma coisa?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eu conheço a BAE Systems, é uma empresa muito conhecida aqui, em Inglaterra, mas não tenho qualquer relacionamento com essa empresa, nem nunca tive.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sabe se o Sr. José Avelar estava relacionado com esta empresa?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Isso não sei. O José Avelar, desde que foi trabalhar, digamos assim, depois da extinção do Conselho, e eu tínhamos vidas completamente diferentes e, praticamente, só o vi uma ou duas vezes. Portanto, não sei se ele teria relacionamentos com essa empresa, ou não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — A que atividade se dedicava esta empresa, a BAE Systems? Qual era a sua atividade principal.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Segundo percebi, a BAE Systems é uma empresa de armamento, julgo eu, mas não tenho a certeza.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Tenente-Coronel, a questão do comércio de armamento e respetivo tráfico, na medida em que exista de forma ilegal, para nós, resulta claro que, nomeadamente em 1980, havia várias empresas em Portugal dedicadas à atividade do comércio e do tráfico de armamento e que, fundamentalmente, eram compostas por militares ou ex-militares.

Também não resulta claro que não houvesse aqui uma contraposição entre o poder militar e o poder político — estou só a fazer-lhe o enquadramento e passo a explicar —, porque, nomeadamente, o poder político (e leia-se, em concreto, o Governo da altura, liderado por Francisco Sá Carneiro e com Adelino Amaro da Costa como Ministro da Defesa) aprovou um diploma em Conselho de Ministros, em abril de 1980, que conferia ao Sr. Ministro da Defesa a competência legal, partilhada com o Sr. Ministro dos Negócios Estrangeiros, para autorizar a exportação de armas. Ou seja, na altura, o Governo, o poder político, objetivamente, de forma legal, queria saber o que se passava com a exportação de armas e conferiu a competência legal para autorizar a exportação de armas ao Ministro da Defesa, mesmo ao Sr. Eng.º Adelino Amaro da Costa, e ao Ministro dos Negócios Estrangeiros. A verdade é que depois desse...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Perdão, o Eng.º Adelino Amaro da Costa e...

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E o Ministro dos Negócios Estrangeiros de então.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — A verdade é que, depois da aprovação desse diploma, as autorizações concedidas no âmbito da Direção-Geral de Armamento passaram para a esfera do Ministro da Defesa e do Ministro dos Negócios Estrangeiros e nós temos prova de que durante 1980, após a aprovação desse diploma, o Sr. Ministro da Defesa não autorizou qualquer exportação de armas, apesar de terem sido

formulados vários pedidos, oficialmente, nomeadamente para a Nicarágua, Salvador, África do Sul e, um caso específico, para o Irão.

Imagino que isto tenha sido um constrangimento muito grande para todas as empresas e para todas as pessoas que, na época, se dedicavam à exportação de armas de forma legal, porque, não tendo autorização para exportar, não o poderiam fazer de forma legal. E só tinham três alternativas, que era: deixar de fazer comércio de armas; fazer comércio de armas de forma ilegal por falta de autorizações; ou, de alguma forma, ultrapassar o constrangimento que constituía um ministro da Defesa que não autorizava a exportação de armas.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não tenho nada a dizer e concordo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Concordando, consegue acrescentar alguma informação deste contexto?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Tenho a impressão que não posso acrescentar nada, porque nunca falei sobre esse assunto com o Eng.º Adelino Amaro da Costa. Ele nunca falou desse assunto comigo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E no âmbito do Conselho da Revolução, em reuniões formais ou em conversas paralelas, foi assunto que lhe tenha chegado alguma vez aos ouvidos?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! Não me recordo, nunca, de esse assunto me ter chegado aos ouvidos ou de o ter discutido seja com quem fosse. Não me recordo nada desse assunto.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Nem mesmo com um dos seus sócios na Grupesca, este Sr. Marcelino de Brito, que tinha uma empresa que se dedicava a esta atividade?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! Nunca!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — A verdade é que, nomeadamente no processo de exportação de armas para o Irão, que o Ministro da Defesa não tinha autorizado, a exportação das armas para o Irão acaba por acontecer exatamente no dia seguinte ao atentado de Camarate, no dia 5 de dezembro.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eu não tinha conhecimento disso.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Tenente-Coronel, Frank Carlucci, que é um nome conhecido, era uma pessoa das suas relações?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — O antigo Embaixador dos Estados Unidos da América?

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Exatamente.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Foi das minhas relações durante o tempo em que foi Embaixador, com certeza.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Em que contexto é que essa relação existia?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — No contexto da preocupação de uma ditadura comunista, em Portugal.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Portanto, o Sr. Frank Carlucci conversava consigo para perceber como é que era a evolução política e militar do País?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Conversou comigo duas vezes sobre esse assunto.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E sobre o atentado de Camarate? Antes ou depois do atentado?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Especificamente sobre...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Nunca conversou comigo sobre o atentado de Camarate ou eu falei sobre o atentado de Camarate. A única pessoa com quem falei e dei a minha opinião sobre o atentado de Camarate foi o General Soares Carneiro.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O General Soares Carneiro, com quem também mantinha uma relação de amizade pessoal.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Absolutamente.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E o que é que nos pode dizer sobre o atentado de Camarate?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Como piloto aviador, na altura, não me pareceu que fosse um acidente.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas tem alguma informação concreta?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não tenho nenhuma informação concreta. Apenas a visualização e a leitura que fiz na altura — de que, aliás, já nem me recordo bem — do primeiro relatório sobre Camarate, a minha opinião pessoal é a de que não se teria tratado de acidente.

Mas, repare, eu não sou um *expert* em acidentes. Para se ser *expert* em acidentes, tem de se fazer um curso especial na Força Aérea, e eu não fiz esse curso. A minha opinião é apenas como experiente piloto da Força Aérea, nada mais.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Tenente-Coronel, vou terminar, nesta ronda, o meu conjunto de perguntas, até porque há outros Srs. Deputados que também querem fazer-lhe perguntas.

Só para terminar, se me permite, pergunto: o Sr. Tenente-Coronel vive fora do País há quantos anos?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Há vinte e tal anos.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Posso perguntar-lhe qual foi o motivo para ter emigrado?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — O motivo é o seguinte: o meu sogro e a minha sogra viviam aqui, em Londres. A minha sogra morreu, o meu sogro começou a sentir-se muito só, a minha mulher tinha de vir a Londres assiduamente para olhar por ele, porque ele já estava um bocado velhote, e acabámos por decidir vir viver para Londres para tomar conta dele.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E o Sr. Tenente-Coronel, nestes anos, nunca veio a Portugal?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Fui. Fui ao casamento do meu filho. Fui fechar a minha casa na D. João V.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Qual foi a atividade profissional que, entretanto, durante estes anos, exerceu?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eu dedico-me a coisas financeiras.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Coisas financeiras?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sim.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Muito obrigado, Sr. Tenente-Coronel.

O Sr. **Presidente**: — Tem, agora, a palavra o Sr. Deputado José Ribeiro e Castro.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Muito bom dia, Sr. Tenente-Coronel.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Bom dia.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Começo também por cumprimentá-lo e por agradecer-lhe ter-se disponibilizado para responder a esta Comissão.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — É um prazer.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Embora nestas condições limitadas, quero agradecer-lhe essa disponibilidade.

O Sr. Tenente-Coronel foi membro da Comissão Coordenadora do MFA (Movimento das Forças Armadas).

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sim, fui membro da Comissão Coordenadora do MFA.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E, depois, foi membro do Conselho da Revolução, desde a sua constituição, a seguir ao 11 de Março.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sim, sim.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E foi membro do Conselho da Revolução até à sua extinção, depois da revisão constitucional de 1982. É assim?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Exatamente.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E durante o PREC (Processo Revolucionário em Curso), portanto, em 1975, o Sr. Tenente-Coronel integrou também o Grupo dos Nove, ou não?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Integrei o Grupo dos Nove. Aliás,... Bem, não vale a pena. Integrei, sim!

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Isto foi só para situar.

Nessas movimentações, em 1975, altura em que o País esteve em risco de poder ter uma guerra civil, se não tivesse sido a normalização e a estabilização a seguir ao 25 de Novembro, o Sr. Tenente-Coronel teve contactos com grupos ligados a partidos políticos que tivessem armamento?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não tive contactos com grupos políticos que tivessem armamento. Os meus contactos eram, fundamentalmente, não com partidos políticos, mas com o pessoal do Norte que, enfim, em caso de uma guerra civil, poderia pegar em armas e bater-se contra uma possível ditadura comunista.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E teve contactos, até por camaradas militares, com organizações que, na altura, davam pelo nome de MDLP e ELP? Eram distintas, mas gostava de saber se teve contactos, nomeadamente militares,...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Tive. Com o Comandante Alpoim Calvão.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Portanto, só com o, então, Comandante Alpoim Calvão.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sim.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Conheceu uma organização que deu pelo nome de CODECO (Comandos de Defesa da Civilização Ocidental) e que se dedicou a colocar bombas em alguns sítios?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Importa-se de repetir?

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Conheceu uma organização, não sei se constituída em 1975 ou posteriormente ao 25 de Novembro, que dava pelo nome de CODECO, Comandos de Defesa da Civilização Ocidental?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sim, tive contactos com eles.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Teve contactos com os CODECO?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! Contacto direto com eles, não; o contacto era o General Soares Carneiro.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O General Soares Carneiro tinha contacto com os CODECO?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Julgo que sim.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Os CODECO eram justamente constituídos pelo Sr. José Esteves, pelo Sr. Fernando Farinha Simões e pelo Sr. Carlos Miranda.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, senhor! Então, não é o mesmo CODECO de que estamos a falar.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sim, senhor.

Mas referiu o nome do General Soares Carneiro, em 1975. O General Soares Carneiro teve também...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Deixe-me dizer-lhe aquilo que eu sei. Havia uma organização feita por ex-militares, militares que já tinham passado à reserva ou que tinham sido milicianos e passaram à reserva, sob a orientação, julgo, do Sr. General Soares Carneiro, com quem eu tinha contacto através do General Soares Carneiro.

Era com essa organização que eu tinha contacto e que fazia parte da aliança com o pessoal do Norte para a eventualidade de uma possível ditadura comunista.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Mas, então, não tem nada a ver com organizações bombistas ou com atentados bombistas...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não tem nada a ver com organizações bombistas.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Vou voltar a fazer-lhe uma pergunta que já lhe foi feita, e o Sr. Tenente-Coronel já negou. Mas, peço desculpa, tenho de voltar a fazê-la.

O Sr. Tenente-Coronel diz que não conhece Fernando Farinha Simões, que nunca o viu.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Ele diz que me conhece, mas eu não o conheço.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Nunca esteve com ele.  
Também não conhece o Sr. José Esteves?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não conheço, não.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Mas o Sr. Tenente-Coronel, quando esteve em Luanda... Na data de 25 de abril, estava em Luanda, não é verdade?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não! Na data de 25 de abril, estava nos Estados Unidos da América a fazer um curso.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Em 1974, estava nos Estados Unidos da América a fazer um curso?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Estava a fazer um curso, sim.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Então, em que anos é que viveu em Luanda?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Vivi em Luanda de 1967 a 1974. Regressei de Luanda e fui novamente para a Base de Monte Real — eu era piloto de caça e o meu regresso era para a unidade de caça, que era Monte Real. E quando estive em Monte Real,

passados alguns meses, fui nomeado para fazer um curso nos Estados Unidos da América.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E regressou em que mês de 1974?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não regressei em 1974... Ou, melhor, regressei em 1974, julgo que em junho ou em julho.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Então, se regressou em junho ou julho... Desculpe, mas o Sr. Tenente-Coronel deve estar a fazer confusão no seu depoimento. Se regressou em junho ou julho, no dia 25 de abril estava em Luanda.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, no dia 25 de abril, estava nos Estados Unidos da América!

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Então, mas se regressou de Luanda, em junho ou julho de 1974...!

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não! Regressei dos Estados Unidos da América em junho ou julho de 1974.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Ah! Então foi um problema de comunicação.

O Sr. Tenente-Coronel, há pouco, disse-nos que viveu em Luanda de 1967 a 1974. É assim?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Julgo que regresssei a Lisboa em janeiro ou fevereiro de 1974.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Era isso que eu pretendia saber.

E nesse período que viveu em Luanda, viveu na Av.<sup>a</sup> dos Combatentes da Grande Guerra.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Vivi na Av.<sup>a</sup> dos Combatentes, sim.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E, segundo as informações que temos, viveu no n.º 270, no 9.º andar, apartamento 92. É assim?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não. Eu vivia no 2.º andar.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Vivia no 2.º andar.

E, na altura, partilhava o apartamento com o António José Avelar, que, suponho, mais tarde, veio a ser seu ajudante de campo.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, senhor! Eu conheci o Avelar praticamente em 1973. Mas eu partilhava o apartamento com a minha mulher da altura. Primeiro, com um outro oficial da Força Aérea, meu camarada, que também já faleceu e, depois, mais tarde casei-me e ficávamos a viver os dois nesse apartamento.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — A sua mulher chamava-se Winny?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Como é que se chamava a minha primeira mulher?

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sim.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Winnyfred.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Era filha de uma família que veio do antigo Congo Belga?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Exatamente.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O pai da sua primeira mulher, o seu primeiro sogro, portanto, era de apelido Camacho?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Exatamente.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — É que o Sr. José Esteves diz que a sua primeira mulher tinha um irmão chamado Herbert, que tinha uma banda, e que ele, José Esteves, namorou uma irmã da sua primeira mulher, que se chamava Kiki. Viviam no mesmo prédio, ele no 8.º andar,

apartamento 83, e que, namorando a irmã da sua primeira mulher, Kiki, foi muitas vezes a sua casa no 9.º andar. Ele citou o 9.º andar.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Isso é completamente falso, porque a Kiki nessa altura tinha para aí uns 12 anos de idade.

*Risos.*

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E este irmão Herbert?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — O Herbert não sei. Ele foi meu cunhado, é meu ex-cunhado, e tinha uma banda de música, sim, senhor, mas isso era uma coisa conhecida de praticamente toda a gente em Luanda. Ele era um miúdo novo, tinha para aí os seus 16 ou 17 anos, e fazia parte de uma banda.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Portanto, a sua antiga cunhada Kiki, em 1973/1974, tinha 12 anos.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Em 1973/1974, deixe-me lá ver... Mas se ele a namorou em Luanda...

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sim.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Tenho muitas dúvidas... Sou capaz de estar a fazer um bocado de confusão com a idade dela, mas era muito miúda, de certeza.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — As datas que ele aqui refere vão de 1968 a 1971.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Em 1974, um pouco antes da independência de Angola, quando ela regressou, deveria ter para aí uns 16 ou 17 anos.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Portanto, em 1968/1971, teria os tais 12 anos, que ele está a dizer, que são as datas que ele aqui refere.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eu dava-me bastante bem com ela, como me dava bem com todas as outras minhas cunhadas, e não lhe conheci nenhum namoro na altura.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O Sr. José Esteves refere também que foi por um pedido seu que terá entrado — temos agora uma discrepância de datas — para a Força Aérea Portuguesa, em Luanda.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Pode repetir, por favor?

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O Sr. José Esteves refere também que teria sido por um pedido do Sr. Tenente-Coronel que ele teria entrado para a Força Aérea, em Luanda — e há aqui uma discrepância de datas, há uma data que, creio, não está certa. Mais, o Sr. José Esteves refere que o Sr. Tenente-Coronel era, na altura, diretor dos Transportes Aéreos

Militares, que transportava retornados a partir de Angola em aviões *Boeing*.  
É assim, ou não?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: —  
Repita, outra vez, por favor, porque isso está a fazer-me uma grande  
confusão.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O Sr. José Esteves diz  
que o Sr. Tenente-Coronel, na altura Major, era diretor dos Transportes  
Aéreos Militares, em Angola.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Fui  
sempre aviador de caças, os meus aviões era F-84, em Angola, e Dornier  
DO-27. Nunca fiz parte de transportes militares.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E, portanto, nunca teve  
nada a ver com o transporte de retornados a partir de Angola em aviões  
*Boeing*, até porque já nos disse que estava nos Estados Unidos?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não.  
Nunca! Nunca! Eu nunca fui piloto de transporte, fui sempre piloto de  
aviões de caça.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E nunca teve  
responsabilidades administrativas na Força Área?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: —  
Nunca tive responsabilidades nesse sentido e, como já lhe disse, regressei

de Luanda, julgo que em janeiro ou fevereiro de 1974, estive dois ou três meses em Monte Real e, depois, fui para os Estados Unidos fazer um curso e regresssei, julgo, em julho de 1974.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — No período em que estive em serviço militar em Luanda, em comissão, tinha responsabilidades operacionais, de chefia, administrativas, de Estado-Maior?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Vamos lá ver, os primeiros quatro anos que passei em Angola estive na Base Aérea 9 como piloto dos F-84 e dos Dornier-27.

Fui nomeado para prestar serviço no comando da região aérea, onde era responsável pela repartição de operações. Fui o responsável por essa repartição de operações durante cerca de seis meses, até à chegada do então Major Corbal, que foi comandar essa repartição de operações. E até ao final da minha comissão estive como adjunto da repartição de operações, junto com o Major Corbal, na altura, e depois regresssei a Portugal.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Mudemos agora de tema. Depois voltaremos.

Quanto ao Sr. João Múrias, já falou do tipo de relacionamento que teve. O Sr. João Múrias disse que, ainda antes da existência da Grupesca — que foi descrita como uma cobertura para operações ilegais de comércio de armamento ou de material militar, facto que o Sr. Coronel já negou —, ele já colaborava nesse tipo de operações e que o Sr. Coronel já se dedicava a este tipo de atividade, nomeadamente em ligação com os americanos, de comércio de equipamento militar que escalava os portos portugueses, nomeadamente aqui em Lisboa e em Setúbal. É assim, ou é falso?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Bem, o João Múrias pode dizer aquilo que muito bem entender, mas o João Múrias é um mentiroso completo, é um psicopata. Eu nunca conheci o João Múrias antes da Grupesca. Só conheci o João Múrias após um ano de funcionamento da Grupesca e conheci-o através do tio, do Manuel Maria.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Portanto, só conheceu o João Múrias na altura da constituição da Grupesca, através do tio...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Bastante depois da constituição da Grupesca.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — ... Manuel Maria Múrias. Manuel Maria Múrias é o mesmo que foi diretor do jornal *A Rua*?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Exatamente.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Portanto, só o conheceu depois da constituição da Grupesca e correspondendo a um pedido do tio. É assim?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — E correspondendo ao pedido daquele, exatamente!

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O Sr. João Múrias, quando depôs na Comissão, disse que terá presenciado, em data que não

conseguimos determinar, mas que terá sido, provavelmente, em 1980, e acompanhado uma operação clandestina de transporte de material militar para o Irão, que terá decorrido no cais de Alcântara. Teria consistido basicamente nisto — estou a recordar de memória e vou descrevê-la ao Sr. Coronel para nos dizer se tem algum conhecimento disso...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Posso dizer desde já que isso é completamente falso! Isso é completamente falso! O João Múrias não tinha qualquer papel dentro da Grupesca. O João Múrias ia à Grupesca para ver o tio!

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — A operação teria consistido no seguinte: seria um navio americano — ele diz que, antes de terem navios, operavam com navios fornecidos pelos serviços americanos que se dedicavam a este comércio —, que teria passado por Lisboa, teria acostado ao cais de Alcântara, aqui teria mudado de tripulação para uma tripulação de maioria africana e um comandante da marinha mercante portuguesa, digamos que era uma espécie de lavagem de identidade de tripulação, e que traria material militar que se destinaria ao Irão. Tem algum conhecimento disto?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Absolutamente nenhum. Isso é completamente falso! Isso são invenções do Múrias! Esse indivíduo é um psicopata completo! Isso é uma invenção completa!

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Alguma vez conheceu o Coronel Oliver North, norte-americano?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Apenas pela imprensa.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Nunca o conheceu pessoalmente? Nunca esteve com ele?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! Nunca estive com ele! Conheço o nome apenas pela imprensa, pelos escândalos dos Estados Unidos, durante o tempo do Presidente Reagan. Mais nada.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Portanto, só teve conhecimento pelo que veio na imprensa.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Exatamente!

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Como militar do Conselho da Revolução, alguma vez teve conhecimento de que passassem por Lisboa, eventualmente, operações ligadas ao *Irangate* de equipamento militar com destino ao Irão?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo Canto e Castro**: — Não. Isso foi discutido na minha presença.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O Sr. Comandante Alpoim Calvão... Como sabemos, em 1980, havia um embargo de

transporte de qualquer material militar para o Irão em razão da crise dos reféns. Portanto, os reféns norte-americanos foram aprisionados pelos guardas revolucionários de Khomeini em finais de 1979, inícios de 1980. Isso desencadeou uma crise e, no contexto dessa crise, foi decretado um embargo militar ao Irão.

Entretanto, em setembro/outubro de 1980, começa, todavia, a Guerra Irão-Iraque entre Saddam e Khomeini, que muda o contexto geopolítico da região, e, portanto, é isso que está na origem daquilo que mais tarde viria a ser o escândalo do *Irangate*, que o Sr. Coronel já referiu que seguiu pela imprensa, e onde esteve envolvido o Coronel Oliver North.

A questão é saber se, já nessa altura, havia material militar que eventualmente passasse por Lisboa. Portanto, a pergunta que lhe faço é se, como militar, elemento do Conselho da Revolução, teve conhecimento disso, ou não.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Nenhum conhecimento.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O Sr. Comandante Alpoim Calvão, a quem presto as minhas homenagens, que depôs perante esta Comissão antes de falecer, relatou, pelo menos, uma operação de transporte de equipamento militar (não de muita importância mas de equipamento militar, e nós nunca sabemos para que são as peças...), por avião que escalou o Aeroporto da Portela. Recordou-a até de uma forma bastante colorida e bastante gráfica, porque a tripulação bebeu um pouco de mais nessa noite e, portanto, ele teve de fazer uma intervenção. O Sr. Comandante descreveu esta operação dizendo que não tinha dúvida nenhuma de que era um facto que tinha cobertura das autoridades, ainda

que, depois, não se conseguisse explicação para o facto de as autoridades, imagino que militares, pudessem dar autorização a uma operação que estava coberta por um embargo legal.

Não sei se se recorda, mas por esta mesma altura, em meados de novembro de 1980, o jornal *Portugal Hoje* fez manchete, justamente, de que passariam por Portugal operações de tráfego de armamento ou, melhor dizendo, de material militar com destino ao Irão, o que foi, na altura, desmentido pelo Governo. Mas o facto é que há alguns indícios ou notícias que referem que, apesar do desmentido, aquela é a verdade.

Tem algum conhecimento desse transporte de material militar ilegal para o Irão?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não tenho nenhum conhecimento disso.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Tinha contactos com a Embaixada dos Estados Unidos?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Tive contacto durante o período do Conselho da Revolução; após isso nunca mais tive nenhum contacto com a Embaixada dos Estados Unidos.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E tinha contactos com o conselheiro responsável pelos assuntos políticos, com o adido militar, com o embaixador? A que nível eram os seus contactos?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Tive duas conversas com o Embaixador Frank Carlucci, como já referi, talvez

duas ou três... Enfim, julgo que foram duas, mas podem ter sido três. E também contacto com o adido militar da aeronáutica, que era um capitão, mas não me recordo do nome.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Tem conhecimento de que a Embaixada dos Estados Unidos tenha, de alguma forma, funcionado como cobertura para eventuais ligações com grupos extremistas em Portugal, nomeadamente com os tais CODECO, que se dedicaram a atividades bombistas na altura do PREC ou do pós-PREC?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não tenho conhecimento nenhum de que tenha havido esses contactos. Duvido que a Embaixada os tivesse, mas, se os teve, não tenho qualquer conhecimento disso.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Mais tarde, teve conhecimento de que a Embaixada dos Estados Unidos, de alguma forma, tenha servido de cobertura para o comércio de material militar para o Irão, passando por portos portugueses na altura do embargo?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não tenho conhecimento nenhum disso.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O Sr. Coronel já declarou que um dos sócios da Grupesca era o Marcelino de Brito.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sim, Marcelino de Brito.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Disse-nos também que ele era sócio de uma empresa que se dedicava a comércio de material militar, a Defex.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — A Defex, exatamente.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Seria possível que, sem o seu conhecimento, a Grupesca fosse utilizada para atividades da Defex ou de associados da Defex?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Como eu já disse antes, nego isso completamente. Nego isso completamente até porque os problemas da Grupesca eram de ordem económica, digamos assim. O Marcelino entrou como capitalista, mas, depois, o capital não existiu. Portanto, o Marcelino fazia uma série de manobras, mas todas dentro da atividade que se queira para obter fundos para dar continuidade ao aluguer dos barcos que nós tínhamos para pescar na Guiné-Bissau.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Tem conhecimento de que a Defex ou outras empresas tenham feito esse tráfego ilegal, recorrendo a outras embarcações, e de que a sua ligação à Grupesca tenha sido, de alguma forma, uma tentativa de busca de uma cobertura de uma legitimidade? Que essa atividade clandestina fosse feita por outras embarcações, tem algum conhecimento disso?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não sei se essa atividade clandestina era feita por embarcações. Com certeza que isso era possível, mas com embarcações da Grupesca, não. A Grupesca tinha um navio de aluguer de cada vez. E, quando o navio saía, fazia-o carregado de mantimentos, como já tive oportunidade de dizer, e quando regressava, regressava com o pouco peixe que tinha.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O Sr. Coronel e a sua mulher, Juanita Valderano, foram acusados, em 1995, pelos familiares das vítimas. Uma vez que o Ministério Público nada fez e para que o processo de Camarate não prescrevesse, as famílias deduziram uma acusação particular em que acusaram quatro pessoas: o Sr. Sinan Lee Rodrigues, o Sr. José Esteves, o Sr. Coronel e a sua mulher, Juanita Valderano. E a acusação dirigida contra si baseava-se, de facto, num depoimento do Sr. Fernando Farinha Simões, não este que saiu agora mas um outro escrito na altura e apresentado publicamente, em que ele descrevia o envolvimento com o Sr. Coronel e, nomeadamente, que a sua mulher teria trazido de Londres um mecanismo usado para deflagrar o engenho explosivo em Camarate...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eu tenho conhecimento.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — ... e que teria havido uma reunião no Hotel Altis. São mais ou menos estas as menções que estiveram na base dessa acusação.

Creio que o Sr. Coronel e a sua mulher nunca foram notificados, portanto não tiveram de responder nesse processo. Também o Sr. José

Esteves conseguiu não ser notificado, mas já são um pouco mais estranhas as circunstâncias em que isso aconteceu. E, portanto, o processo acabou apenas por seguir contra o Sr. Sinan Lee Rodrigues durante alguns anos, uma vez que o prazo de prescrição, quanto a ele, tinha sido suspenso durante os períodos em que ele esteve preso no estrangeiro. Foi por isso que o processo judicial de Camarate não prescreveu totalmente em 1995, quando fez 15 anos, e que ainda pôde prosseguir durante alguns anos, até à sua prescrição completa ser declarada, contra o Sr. Sinan Lee Rodrigues.

A pergunta que quero fazer é a seguinte: o Sr. Coronel e a sua mulher tiveram conhecimento da acusação de que foram objeto nesse processo judicial?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Tivemos conhecimento disso e o meu sogro, de acordo com as notícias que vieram na imprensa e que eram completamente difamatórias, quer de mim, quer da minha mulher, pôs um processo na União Europeia contra os jornais que propagaram essas notícias. A Comissão Europeia decidiu que o processo não podia continuar porque os jornais se limitavam a transmitir informação obtida através de outra informação, e esse processo caducou. Este é o meu conhecimento e o meu envolvimento neste assunto.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Eu não tinha conhecimento dessa reação do seu sogro.

O Sr. Coronel tem, por acaso, nos seus arquivos, cópias dessa queixa feita na altura?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Julgo que sim, mas vai levar algum tempo a encontrá-la.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Caso a encontre, agradecia-lhe que a enviasse à Comissão nos próximos dias, porque gostaríamos de poder dispor da cópia quer da queixa apresentada quer da decisão que nos transmitiu da instância europeia a que foi dirigida.

O Sr. Coronel declarou, no princípio, que tinha relações de amizade e de proximidade com o Eng.º Adelino Amaro da Costa e também com o Dr. Francisco Sá Carneiro, que vivia perto de si, na Av.ª D. João V. É assim?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Certo!

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Como é que classificaria a sua amizade e proximidade quer com Adelino Amaro da Costa quer com Francisco Sá Carneiro?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Com o Dr. Francisco Sá Carneiro foi uma relação que nasceu de uma partilha de opiniões políticas.

Com o Eng.º Adelino Amaro da Costa foi um pouco diferente. Ele foi-me apresentado pelo Caetano da Cunha Reis, de quem eu era, e sou, amigo, e a nossa relação era mais estreita do que aquela que eu tinha com o Francisco Sá Carneiro.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O Sr. Coronel deu-nos conta de que teria falado com o Eng.º Adelino Amaro da Costa, se bem me recordo, talvez duas semanas antes do desastre de Camarate, justamente sobre o Fundo.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Falei com ele duas ou três semanas antes. Ele fez-me uma pergunta...

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sobre o Fundo?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Já tive oportunidade de dizer que ele me perguntou se eu sabia alguma coisa sobre o Fundo do ultramar. Respondi-lhe que desconhecia completamente. Sabia da existência do Fundo, mas não sabia onde estava o Fundo, quem geria o Fundo, etc. Ele perguntou-me se eu podia saber alguma coisa, por isso fiz a pergunta em Conselho e a resposta que me deram foi a de que o Fundo era gerido pelo Estado-Maior-General das Forças Armadas.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Essas duas ou três semanas antes quase coincidiram com a data em que o Conselho da Revolução aprovou o diploma que extinguiu, mas que, de facto, não extinguiu, o Fundo.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Exatamente!

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Portanto, é um decreto-lei do Conselho da Revolução, que já aqui foi mencionado pelo meu colega Deputado Miguel Santos, do PSD, e que foi aprovado no dia 18 de novembro de 1980. É o Decreto-Lei n.º 548/80, de 18 de novembro.

O Sr. Coronel já disse que não tem muita memória da aprovação deste diploma e que não relaciona...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não relaciono porque não tenho recordação nenhuma da aprovação desse documento, como já tive oportunidade de dizer. Referiram-me que foi na mesma reunião do Conselho em que foi pedida a exoneração do Valentim Loureiro. Lembro-me desse pedido de exoneração, que deu alguma discussão, mas não me lembro, nem associo, essa reunião da exoneração do Valentim Loureiro à aprovação do referido diploma.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sr. Coronel, devo dizer que também não me recordava dele, mas este caso, na altura, deu alguma polémica na imprensa, até porque estávamos praticamente em campanha para as eleições presidenciais. As eleições presidenciais foram no dia 7 de dezembro, três dias depois do desastre de Camarate, e havia um ambiente de conflito, como se recordará, entre o Governo da Aliança Democrática (AD) e o General Ramalho Eanes. E, portanto esta questão do Fundo, da extinção do Fundo e do pensamento do Governo da Aliança Democrática, de que esse decreto-lei era inconstitucional, deram alguma polémica na imprensa.

Tem alguma memória desta polémica?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Tenho uma ideia de ter visto essa polémica nos jornais, mas não tenho a ideia de alguma vez ter discutido fosse com quem fosse do Conselho sobre essa questão.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Depois, foi pedida a declaração de inconstitucionalidade deste diploma, que viria a ser decidida

só em 1981, sendo que a Comissão Constitucional, que era um órgão consultivo do Conselho da Revolução para estes efeitos, só se pronunciou no sentido da inconstitucionalidade sobre um só artigo, mas o Conselho da Revolução decidiu que nem esse artigo era inconstitucional. E, portanto, não declarou sequer a inconstitucionalidade parcial do diploma.

Vou dizer-lhe as datas: a Comissão Constitucional apresentou o seu parecer a 24 de novembro de 1981 e a Resolução do Conselho da Revolução, que não declara a inconstitucionalidade, é de 31 de dezembro de 1981. Tem alguma memória desta discussão ou destas decisões?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Sr. Deputado: a aprovação, ou não aprovação, das declarações de constitucionalidade dos diplomas eram trazidas ao Conselho pelo Coronel Melo Antunes. Normalmente, os votos eram sempre de acordo com a opinião que o Melo Antunes, que era quem de leis percebia alguma coisa, e este não era o meu caso, produzia no Conselho. O Melo Antunes era especialista nessas coisas, era ele que percebia das leis, e nós, militares, e falo no meu caso pessoal, que de leis entendíamos muito pouco, sobre a constitucionalidade, ou não, das leis, normalmente, seguíamos aquilo que o Melo Antunes dizia.

Portanto, se isso foi discutido, não me recordo particularmente dessa discussão de constitucionalidade. Mas, a não ser que houvesse um argumento que pudesse, digamos, sugerir, por exemplo, a minha opinião, normalmente, o voto era dado de acordo com a opinião manifestada pelo presidente da Comissão de Constitucionalidade, que era, como disse, o Melo Antunes.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sr. Coronel, voltemos à amizade com o Eng.º Adelino Amaro da Costa e com o Dr. Francisco Sá Carneiro. Há fontes, o José Esteves e o Fernando Farinha Simões, sobretudo, e, em parte, o João Múrias, que o querem implicar no atentado de Camarate, referindo o seu nome.

O Sr. Coronel não acha que deveria ter repudiado com mais intensidade a acusação, que lhe foi feita, de estar envolvido neste atentado, primeiro, por não ter nada a ver com ele e, segundo, até pelas relações de proximidade e de amizade que tinha com estas vítimas?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Devo dizer que depois do que aconteceu na Comissão Europeia, em que o relator era um português — já não me recordo quem —, achei que fazer qualquer coisa era completamente inútil.

Se eu pudesse pôr um processo aos jornais que me difamaram, com certeza que prosseguiria. Mas o senhor sabe tão bem como eu que, na nossa imprensa, é extraordinariamente difícil ganhar um processo contra os jornalistas.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sim, mas contra as pessoas: o José Esteves, o Farinha Simões, o João Múrias?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não conheço essa gente. Só conheço o João Múrias e lamento tê-lo conhecido. Quanto mais longe estiver dessa gente, melhor!

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O Sr. João Múrias é uma testemunha indireta, mas o Sr. José Esteves e o Sr. Fernando Farinha

Simões relatam a participação deles próprios em atos tendentes à realização do atentado em Camarate.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eles têm de provar isso, não têm...

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Não, eles relatam que eles participaram. Depois procuram envolver o Sr. Coronel e a sua mulher como mandantes e também participantes na conceção do atentado. Não os conhecendo e não tendo participado, tem alguma explicação para José Esteves e Farinha Simões procurarem envolver a si, o seu nome, e a sua mulher neste atentado?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sr. Deputado Ribeiro e Castro, não conheço, como já lhe disse, as pessoas em questão. A motivação dessas pessoas é-me completamente desconhecida, agora, havia dois membros do Conselho da Revolução que tinham nomes parecidos: Canto e Castro e outro que era Sousa e Castro. Somos completamente diferentes e opostos politicamente. Talvez eles tenham feito uma confusão.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sim, mas e a sua mulher?!

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — A minha mulher aparece pela mão do João Múrias.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Não, também é referida num depoimento do Farinha Simões, aliás, escrito logo em 1995, como tendo sido uma pessoa que teria trazido de Londres uma peça que teria sido usada no engenho que deflagrou em Camarate e que teria participado nesta reunião no Hotel Altis.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sr. Deputado, a minha mulher não utiliza o nome Valderano — Valderano é o nome do título do meu sogro. A minha mulher nunca utiliza o nome Valderano, utiliza sempre o nome Waring. E, portanto, utilizam o nome Valderano para fazerem referência ao meu sogro, que esteve, durante a guerra, ligado aos serviços de informação do Reino Unido.

Isso é tudo uma ficção completa! Põem Valderano no nome da minha mulher apenas porque o João Múrias sabia que a minha mulher era filha de um senhor que tinha um título: Valderano.

Eu acho que, no meio de tudo isto, há aqui uma ficção completa. Por que é eles me vão buscar?! Por que é que eles nomeiam a minha mulher?! Desconheço completamente!

Tentei fazer, ou, por outra, o meu sogro achou que deveria fazer aquilo que era possível e, perante a recusa, achei que o melhor seria estar calado do que estar a alimentar mais especulação.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sr. Coronel, das vítimas de Camarate, conhecia o Dr. António Patrício Gouveia?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! Não conhecia o Dr. António Patrício Gouveia.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E a Snu Abecasis?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — A minha mulher conhecia-a melhor do que eu, conheci-a através da família Abecasis, de quem era amiga. Julgo que a terei visto uma vez.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — E a Manuela Amaro da Costa, mulher do Eng.º Amaro da Costa?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não tive oportunidade de a conhecer, embora tivesse sido o único membro do Conselho convidado para o casamento, ao qual, infelizmente, não pude comparecer porque a minha atual mulher estava muito mal, estava a ser operada aqui, em Londres, a um rim, que, aliás, foi-lhe retirado nessa altura. Por esta razão, mandei-lhe um telegrama a agradecer o convite e a dizer que não poderia comparecer, precisamente, pela razão que acabo de explicar.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Não conhecia nenhum dos pilotos? Não conhecia Jorge Albuquerque, nem o copiloto Alfredo de Sousa?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! Não conhecia nenhum dos pilotos.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O Sr. Coronel disse, há pouco, na parte final do seu depoimento ao meu colega Deputado Miguel

Santos, que, na sua convicção, do que acompanhou logo ao princípio não teria sido um acidente.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — É verdade.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Disse que era o seu *feeling*, digamos. O que foi que mais o impressionou para que no seu espírito ficasse a ideia de que não teria sido um acidente? Que aspeto o impressionou mais, como antigo piloto?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — A reação do piloto, numa circunstância normal, não seria aquela...

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Desculpe, peço-lhe, se não se importa, para repetir, porque houve uma interrupção na comunicação durante a sua resposta.

O Sr. Coronel estava a dizer que a reação do piloto...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — A reação do piloto, de acordo com o que foi descrito, perante um acidente normal, não seria aquela que ele teve, e, portanto, concluo que terá havido qualquer coisa mais do que aquilo que foi descrito.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — O que é que, no seu entender, teria sido normal e o que é que houve de anormal na reação do piloto, que, pela sua experiência, o impressionou?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Se há falha do motor à descolagem, o piloto, normalmente, tenta aterrar em frente, com pequenas variações. A reação do piloto não foi esta.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sim, mas, segundo os relatos técnicos, ele já não teria espaço de pista, porque teria rolado apenas a partir da interseção...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não! Na falha à descolagem, normalmente, não temos pista, temos o terreno em frente.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Portanto, o normal seria tentar a aterragem.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Precisamente.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Não tenho mais perguntas a fazer. Muito obrigado, Sr. Coronel.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Dr. Alexandre Patrício Gouveia.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Sr. Tenente-Coronel Canto e Castro, o seu nome, relativamente a esta questão de Camarate, surgiu, que me lembre, a partir de 1988.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sim, sim.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — O Sr. Tenente-Coronel nunca considerou a hipótese de se apresentar aqui, em Lisboa, no Ministério Público ou na Procuradoria-Geral da República, para prestar declarações e dizer o que entendia sobre a matéria?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! Nunca me foi pedido, nunca me foi solicitada qualquer presença minha para fazer fosse o que fosse.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Não é isso que estou a perguntar. Quer dizer, uma vez que se falava em acusações graves, o Sr. Tenente-Coronel, por sua iniciativa, não achou que poderia ser útil apresentar-se aqui, em Lisboa, para esclarecer o que houvesse a esclarecer sobre estes assuntos?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! Não achei que fosse útil. Desconhecia completamente qualquer suposto envolvimento de pessoas no acidente e o facto de terem inventado uma história, completamente fictícia, do meu envolvimento... Fiz, como já tive oportunidade de dizer, um apelo à União Europeia, à Comissão da União Europeia, sobre esse assunto e foi-me respondido aquilo que já afirmei, e, portanto, achei inútil fazer mais fosse o que fosse.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Nessa altura havia algum mandado de captura para o Sr. Tenente-Coronel, por outros motivos?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Que eu saiba, não.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Então, não havia nenhuma razão para que o Sr. Tenente-Coronel não pudesse aparecer aqui, em Lisboa, para explicar o que houvesse a explicar, por sua iniciativa.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Desde que saí de Portugal, fui a Lisboa duas ou três vezes. Não tenho grandes meios financeiros para me estar a deslocar a Lisboa continuamente. Os meus filhos vêm ver-me a Londres de vez em quando.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Pronto, é uma interpretação.

Falando de outro assunto, o Sr. Tenente-Coronel terá informação de que, ainda em Luanda, foi o pai do Sr. José Esteves, que, à época, trabalhava no governo do distrito de Luanda, quem obteve os passaportes para a família da sua futura mulher, que era belga, juntamente com os do Sr. Camacho e da sua mulher. Foi ele que obteve os passaportes que permitiram a vinda da família Camacho do Congo Belga para Luanda.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não tenho a mais pequena ideia...

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Mas foi realmente ele que conseguiu esses passaportes.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Está bem, mas não faço ideia.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — O pai do Sr. José Esteves, curiosamente, era uma pessoa com responsabilidades e bastante conceituada em Luanda.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eu conheci-os em 1968, já estavam há algum tempo em Luanda.

Portanto, essa história da vinda deles do Congo Belga era uma história que eu sabia. Eu sabia que eles tinham vindo do Congo Belga, mas da maneira e dos pormenores do seu encaminhamento para Luanda não tenho a mais pequena ideia.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Mas foi, efetivamente, o pai do Sr. José Esteves que obteve os passaportes para eles virem do Congo Belga para Luanda, veio toda a família da sua futura mulher.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Tenho essa informação dada pelo senhor, eu não fazia a mais pequena ideia.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — O Sr. José Esteves, pelo facto de viver no mesmo prédio em que o Sr. Tenente-Coronel vivia, na Avenida dos Combatentes, n.º 270, conhecia não só o nome do seu sogro, que é o Sr. Camacho, mas também o da sua mulher, que era Winny, o do irmão dela, que era Herbert, que até tinha uma banda musical,...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sim, sim...

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — ... e também da Sr.<sup>a</sup> Kiki, que, na altura, tinha 14 anos e com quem ele namorou. E isto porque viveu no mesmo prédio que o Sr. Tenente-Coronel entre 1968 e 1972.

O Sr. Tenente-Coronel não acha, digamos, pouco provável não conhecer uma pessoa que vive no mesmo prédio que o Sr. Tenente-Coronel, durante estes quatro anos, e que conhece tanto da sua família?! No entanto, o Sr. Tenente-Coronel diz que não o conhece e que nunca o viu.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não o conheço! É lógico. Eu estava sempre fardado, portanto, era fácil ele reconhecer-me e conhecer-me! Agora, ele, no meio de centenas de pessoas que havia nesse prédio... como é que eu o podia conhecer?! A não ser que

ele me tivesse sido apresentado por alguém! Ora, como nunca me foi apresentado, não conheço o homem. Nunca o vi!

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Ele era amigo da irmã da sua mulher e, por essa via, frequentaria a sua casa...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Isso é o que ele diz! Ela era uma miúda nessa altura. Sei lá, agora, quais eram os namoros que a rapariga tinha!

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Viveu quatro anos no mesmo prédio que o Sr. Tenente-Coronel. Não acha pouco provável que nunca se tenha cruzado com ele, que nunca tenha... sabendo ele tanta coisa da sua família?!

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Desculpe, para já, desconhecia, completamente, que o pai dele tivesse qualquer envolvimento com a família Camacho; depois, eu saía de manhã, por volta das 7 horas 30 minutos, e regressava a casa por volta das 7 horas/7 horas e 30 minutos da noite.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Como o Sr. Tenente-Coronel talvez se lembre, esse prédio tinha dois elevadores e uma das formas que ele tinha de se encontrar consigo — e como se encontrou consigo — foi, justamente, na utilização desses dois elevadores.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Pois, muito bem, cruzei-me com várias pessoas dentro dos elevadores, mas não conheço as pessoas que se cruzaram comigo! Eles sabiam quem eu era, porque eu estava fardado, não é?! Eu não conheci! Volto a repetir: não conheço esse senhor de parte nenhuma! Nunca lhe fui apresentado, nunca falei com ele!

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Não é isso o que ele diz.

O Sr. Tenente-Coronel, portanto, não teve qualquer relação com uma empresa chamada «Transportes Aéreos Militares», de Angola? Já o referiu aqui ao Sr. Deputado Ribeiro e Castro, mas, volto a perguntar: nunca teve qualquer relação com esta empresa?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! Nunca tive qualquer relação com empresas de transportes militares. Como eu já referi, nunca fui piloto de transporte e nunca tive, administrativa ou operacionalmente, qualquer relação com essa empresa.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Certo, mas, no mínimo, reconhece que o facto de uma pessoa conhecer os nomes e as atividades da sua família e vivendo no mesmo prédio é uma informação que não está acessível ao comum dos mortais. Portanto, só pode ser acessível a uma pessoa que conhece outra, em princípio. Certo?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Peço desculpa, a interpretação é sua! Eu vivia num prédio com centenas de pessoas...

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Muito bem!

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eu era facilmente reconhecível, tenho a impressão de que era o único militar que vivia nesse prédio, e estava fardado todos os dias. Portanto, era fácil ele conhecer-me. Agora, eu conhecê-lo, era muito difícil, a não ser que me tivesse sido apresentado diretamente, o que não aconteceu.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — O Sr. José Esteves também refere que foi pela mão do Sr. Canto e Castro que ele entrou para a Força Aérea, ainda em Luanda, que, depois, foi transferido para Portugal e que aqui, em Portugal, trabalhou na Ota como técnico especializado em equipamento militar. Também não se recorda disto?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! Não! Pela minha mão?!... Como é que pela mão de um oficial entrou na Força Aérea?! Um indivíduo entra na Força Aérea para, apresentando-se como voluntário, prestar serviço, não é pela mão de ninguém!

Mais: se eu não o conheço, como é que eu poderia levá-lo, pela mão, para a Força Aérea?!

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Mudando de assunto, já referiu que não conhece o Sr. Frank Sturgis, mas conhece um senhor, também americano, chamado Wilfred Navarro?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não conheço.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Conhecia o General Diogo Neto?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Claro que sim! Foi o Chefe do Estado-Maior.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — E o Sr. Coronel Vinhas, também se lembra...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — De quem?

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Coronel Vinhas?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Coronel...

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Vinhas.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não. Não conheço.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Não conhece.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — É português?

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — É.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não conheço.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — O Sr. Tenente-Coronel, em novembro de 1980, esteve num jantar, no Hotel Sheraton, com...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Num jantar no Hotel Sheraton com...

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Lembra-se, por acaso, se, em novembro de 1980, esteve num jantar no Hotel Sheraton?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eu nunca jantei no Hotel Sheraton!

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Não esteve, ao fim da tarde, no Hotel Sheraton?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, nunca estive no... Posso ter estado no Hotel Sheraton. Fui várias vezes ao Hotel Sheraton. Estive, até, hospedado no Hotel Sheraton, antes da minha viagem ao Zaire. Nessa altura estive hospedado no Hotel Sheraton. Agora, se fui, se estive no Hotel Sheraton com as pessoas envolvidas nesse assunto, não! Não estive no Hotel Sheraton com nenhuma dessas pessoas.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Sr. Tenente-Coronel, conhece um senhor de nome Vasco Montez?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Vasco Montez... O nome não me é estranho, mas não estou a recordar-me de quem seja.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — É uma das pessoas que diz ter visto o Sr. Tenente-Coronel no Hotel Sheraton, em novembro de 1980. É uma das pessoas.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — O nome Vasco Montez diz-me qualquer coisa. Tenho ideia desse nome, mas não sei quem é a pessoa. Não me recordo da pessoa.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — O Sr. Tenente-Coronel já referiu que não conhece o Sr. Farinha Simões, mas conhece, em Londres, um hotel chamado Grosvenor, próximo de Victoria Station? Conhece, ou não?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Não conhece.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Nunca lá fui aí.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Há uma terceira pessoa, que se chama Carlos Miranda, que diz ter estado com o Sr. Bernardo Canto e Castro, em Birre, em novembro de 1980, numa reunião, onde também participaram outras pessoas.

Lembra-se dessa reunião em Birre, ao pé de Cascais?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Birre?

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Sim. É próximo de Cascais.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Como se chama a pessoa?

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Carlos Miranda Gonçalves.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Não.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não sei quem é.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Conhece um senhor chamado Lee Rodrigues?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! Apenas pela imprensa.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Portanto, nunca se encontrou com ele, obviamente, em Lisboa?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, nunca me encontrei com ele.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Há três pessoas, que hoje em dia têm vidas bastante separadas e até têm pouco contacto entre si, que disseram que participaram numa reunião com o Sr. Tenente-Coronel, no final de novembro, no palácio Roquete, que há em Lisboa, na Rua do Século, se não estou em erro, que ocorreu poucos dias antes do atentado de Camarate.

O Sr. Tenente-Coronel lembra-se dessa reunião?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, nunca estive nessa reunião e não me lembro de reunião nenhuma antes do atentado de Camarate.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — Há três pessoas que têm vidas separadas hoje em dia e que referem ter estado consigo nessa reunião.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Está bem! Podem referir o que quiserem. Mas eu não estive em reunião nenhuma.

O Sr. Dr. **Alexandre Patrício Gouveia** (Representante dos Familiares de Dr. António Patrício Gouveia): — É tudo, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Como ninguém mais pretende intervir nesta ronda, passamos à segunda ronda de perguntas.

Tem a palavra o Sr. Deputado Miguel Santos do PSD.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Tenente-Coronel, já estive a colocar-lhe questões na primeira ronda, mas há ainda algumas mais que eu gostaria de formular.

Sr. Tenente-Coronel, que funções tinha, em termos militares, quando prestou serviço em Angola?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Bem, era piloto, na Esquadra de Caça de F-84. Estive quatro anos nessa função. Depois, fui nomeado, como já tive oportunidade de dizer, para Adjunto de Oficial de Operações da Repartição de Operações do Comando da Região, em Angola.

O Tenente-Coronel que estava à frente dessa Repartição de Operações foi destacado para comando de uma outra unidade e, enquanto não veio o seu substituto, chefeei a Repartição de Operações da Região Aérea de Angola.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Sr. Tenente-Coronel prestou serviço na Guiné?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Pode repetir?

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Pergunto-lhe se, para além de ter prestado serviço em Angola, também prestou serviço na Guiné.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não. Nunca prestei serviço na Guiné.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas conhecia responsáveis políticos e militares da Guiné? Pergunto isto por causa da Grupesca.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não, não! Eu só conheci os representantes políticos da Guiné a partir de 1978. Por essa altura, foi-me apresentado o Ministro dos Transportes da Guiné-Bissau por uma pessoa que estava ligada à minha cunhada mais velha, na altura. Foi aí que comecei a ter relações com o pessoal da Guiné, e foi a convite dele que me desloquei, pela primeira vez, à Guiné-Bissau.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Qual era o objetivo dessa deslocação? A relação que estabeleceu era de que espécie?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eles convidaram-me para ir à Guiné-Bissau. O Ministro dos Transportes convidou-me, com o acordo do Presidente de então, Nino Vieira, para ir à Guiné-Bissau, e fui à Guiné-Bissau. E foi aí que me inteirei do problema, que me pôs o Presidente da República da Guiné na altura, de que eles necessitavam de uma empresa que fizesse alguma concorrência à empresa russa que lá se encontrava, porque eles julgavam que ela se apropriava de tudo e que não lhes dava o suficiente, ou a partilha, digamos assim, da

pesca que eles lá efetuavam. E foi nessa altura que nasceu a ideia de fazer uma companhia de pesca.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Sr. Tenente-Coronel referiu-nos, há pouco, aquando das respostas às questões do Deputado Ribeiro e Castro, que, em 1974, vai aos Estados Unidos fazer uma formação, um curso.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sim, fui. Fui nomeado pela Força Aérea.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Esse curso, essa formação ocorreu onde?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Essa formação ocorreu na Academia da Força Aérea americana, no Estado do Alabama.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Qual era o conteúdo da formação?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Era a formação, nos Estados Unidos, à promoção de capitães a majores... O equivalente à nossa, em Portugal.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sim...

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Chama-se Squadron Officer School.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não tinha nenhum relacionamento com serviços de informação?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não, não!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Sr. Tenente-Coronel nunca esteve ligado à CIA (Central Intelligence Agency)?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Conhece um senhor, que já foi Deputado, de nome Caetano Cunha Reis?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Conheço muito bem! Sou amigo dele.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Foi este senhor que lhe apresentou o ex-Embaixador dos Estados Unidos Frank Carlucci?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, senhor!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Chegou a conhecer Henry Kissinger?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, senhor!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Nem tem conhecimento de que o Sr. Henry Kissinger tenha estado em Portugal, em determinadas alturas?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Tenho uma vaga ideia de o Sr. Henry Kissinger ter vindo a Portugal, mas não tive conhecimento disso, de parte oficial. Já nem me lembro de como tive conhecimento disso, mas foi um rumor qualquer que me foi dado, já nem sei até por quem.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sendo um rumor, presume-se que tenha sido uma visita discreta, que não tenha sido uma visita publicitada.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Absolutamente! Se tivesse sido publicitada com certeza que teria tido conhecimento.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Toda a gente saberia.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Toda a gente saberia.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — No rumor que ouviu dessa visita, nunca ninguém lhe referiu o objetivo dessa visita do Sr. Kissinger e com quem é que se encontrou?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não! Não me foi referido nada. Foi uma conversa do tipo: «Olha lá, ouviste dizer

que o Kissinger esteve em Portugal?»; ao que respondi: «Não, nunca ouvi!»; e, como resposta, ouvi: «Epá, consta para aí que esteve em Portugal!». É este o tipo de conversa de que me recordo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Conversa de café, digamos assim!

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Conversa de café, exatamente!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Sr. Tenente-Coronel já se referiu ao Sr. João Múrias e já partilhou connosco a opinião que tem sobre o Sr. João Múrias. Mas o que é que o Sr. Tenente-Coronel acha que leva uma pessoa como o Sr. João Múrias a referir que a atividade principal da Grupesca era a exportação de armas e não a pesca? Qual será a motivação do Sr. João Múrias para inventar uma estória destas?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Olhe, a minha opinião particular é que o João Múrias é um desgraçado que quer ser uma pessoa importante. E, portanto, inventa tudo e mais alguma coisa para esse efeito.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas, digamos, é uma estória grave!

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Com certeza! É uma estória tão grave que eu reportei isso ao tio e, como já vos disse, os irmãos deram-lhe uma surra!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas olhe que ele não aprendeu com surra, porque ainda há uns dias esteve cá e repetiu a estória.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Ah, pois! Talvez seja altura de os irmãos darem-lhe outra surra!

*Risos.*

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Espero que não!

O Sr. Tenente-Coronel alguma vez verificou, fisicamente, os barcos da Grupesca a saírem de Alcântara?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, nunca verifiquei pessoalmente, mas posso dizer que os barcos da Grupesca na Guiné-Bissau iam completamente carregados de víveres para a subsistência não só do pessoal do barco, como também das pessoas que se encontravam na Guiné a trabalhar para a Grupesca. Isto posso garantir!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Mas o Sr. Tenente-Coronel garante porque viu os barcos carregados de mantimentos?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sim, os barcos carregados de mantimentos à chegada a Bissau! Vi alguns, à chegada! Agora, à partida, não vi! Não era minha responsabilidade de inspecionar o carregamento dos navios!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E quando chegavam a Lisboa, chegou a ver os barcos quando aportavam em Lisboa?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Julgo que vi uma vez! Digo «julgo que vi uma vez» porque recordo-me de que o peixe que eles traziam era pouco!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Sr. Tenente-Coronel conhece a Sr.<sup>a</sup> Filipa Melo e Castro?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Essa é uma boa pergunta! Melo e Castro, conheço alguns. Agora, Filipa Melo e Castro... não me recordo. Não recordo! Mas a minha memória já não está boa nesse aspeto! Apenas das pessoas mais íntimas me recordo.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — A Sr.<sup>a</sup> Filipa Melo e Castro era a secretária, a pessoa que trabalhava no secretariado, do Eng.<sup>o</sup> Adelino Amaro da Costa, o Ministro da Defesa.

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eu nunca visitei o Eng.<sup>o</sup> Adelino Amaro da Costa no seu gabinete.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Só mais duas perguntas. Qual foi a reação, no Conselho da Revolução, ao atentado de Camarate?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Julgo que foi uma reação absolutamente de espanto e de pesar, pelo menos naqueles que pude verificar. As pessoas com quem falei manifestaram genuíno espanto e pesar, digamos.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Foi matéria que tenha sido discutida em reunião do Conselho da Revolução?!

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Nunca foi discutido em reunião.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Não acha estranho que, tendo existido o atentado de Camarate, tendo morrido o Primeiro-Ministro e o Ministro da Defesa, o Conselho da Revolução não se tenha debruçado sobre essa atualidade e as suas consequências para o País?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Eu achei estranho!

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Sr. Tenente-Coronel não se recorda de, no Conselho da Revolução, ter sido aprovado um voto de pesar?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não me recordo e julgo que isso não aconteceu.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Sr. Tenente-Coronel chegou a conhecer e privou com o cónego Melo?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Bastante! Era meu amigo pessoal.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Relacionavam-se em termos pessoais ou a vossa relação ia para além do pessoal, tinha algum contexto político?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Começou por um contexto político e transformou-se numa amizade pessoal. Eu tinha grande admiração pelo cónego Melo! Tinha e tenho, embora ele já tenha falecido.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O nome Lee Rodrigues diz-lhe alguma coisa?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, apenas aquilo que li na imprensa.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — E o de William Hasselberg?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Esse nem sequer através da imprensa.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Nunca ouviu falar do Sr. William Hasselberg?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Sr. Tenente-Coronel, eventualmente, estaria disponível para depor presencialmente na Comissão?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Neste momento, é-me bastante difícil, porque a minha mulher está com um problema no rim. O rim restante não tem funcionado bem e eu tenho de lhe dar apoio aqui. Ela não pode viajar e precisa do meu constante apoio.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — O Sr. Tenente-Coronel acha que, se fosse possível depor presencialmente na Comissão, à porta fechada, sem imprensa e só com pessoas ajuramentadas, esse tipo de depoimento poderia ser útil para os trabalhos da Comissão e para a descoberta da verdade?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Essa é uma pergunta um bocado complicada, porque infere que eu possa saber alguma coisa que não vos estou a dizer aqui. Ora, eu não sei nada que possa provar as especulações que eu possa ter.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sim, Sr. Tenente-Coronel, uma parte são especulações, mas existe uma parte substancial que está provada e sobre a qual existe matéria que a confirma.

Não tenho mais nenhuma questão para colocar no contexto em que decorreu esta audição. Naturalmente que gostaria de agradecer a sua disponibilidade, e é tudo.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Deputado Ribeiro e Castro.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Sr. Coronel, só uma questão ainda relativamente ao Sr. José Esteves.

O Sr. José Esteves foi detido pouco antes do 25 de novembro de 1975, porque transportava armas. Esteve detido em Soure, não sei se num presídio militar, mas esteve detido em Soure durante algum tempo. A mãe de José Esteves ter-se-á cruzado com o Sr. Coronel, na altura Major, perto da casa onde residiam, no jardim das Amoreiras, em Lisboa, à entrada do Procópio, que era um bar muito movimentado na vida política da altura, e ter-lhe-á pedido para interceder pela situação do José Esteves. E uma vez que o conheciam de Luanda, do tal prédio na Avenida dos Combatentes, teria sido por interceção do Sr. Coronel, na altura Major, que o José Esteves, detido, terá sido movido da prisão em Soure para Caxias.

Tem alguma memória deste episódio? Confirma? Desmente?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Se isso tivesse acontecido de certeza que me lembraria, mas isso não aconteceu.

Eu devo ter ido ao Procópio para aí umas três vezes em todo o meu tempo em Lisboa. Vivia nessa altura, realmente, nas Amoreiras, mas eu fui ao Procópio duas ou três vezes para me encontrar com um amigo meu militar que era frequentador assíduo do Procópio, Aventino Teixeira.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Portanto, não se recorda de ter sido abordado, por volta de 25 de novembro de 1975, por causa da situação prisional do Sr. José Esteves e, concretamente, pela mãe dele?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não me recordo! Garanto-lhe que, se isso tivesse acontecido, era algo que me ficaria na memória. Isso não aconteceu, de certeza!

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Muito obrigado, Sr. Coronel.

Volto a reiterar o pedido que fiz há pouco no sentido de nos enviar, caso localizasse, a queixa apresentada pelo senhor seu sogro em 1995 junto de instituições europeias, bem como o parecer ou a decisão final que recaiu sobre a mesma, porque poderia ser útil aos trabalhos desta Comissão.

É tudo, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Tem a palavra o Sr. Eng.º Nuno Cerqueira.

O Sr. Eng.º **Nuno Cerqueira** (Representante dos Familiares de Sá Carneiro): — Boa tarde, Sr. Tenente-Coronel.

Começo por uma simples curiosidade: em relação à primeira reunião que tiveram, depois do atentado de Camarate, o Sr. Tenente-Coronel já disse que era o seu *feeling* como piloto que o levava a pensar que se tratava de um atentado. Muito bem!

Recorda-se, mais ou menos, da opinião dos restantes conselheiros? Pergunto porque, é do meu conhecimento pessoal, alguns conselheiros defenderam sempre a tese de acidente, mas outros não. Recorda-se disto, ou não?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Não, não me recordo disso. E, mais, isso não foi discutido no Conselho.

O Sr. Eng.º **Nuno Cerqueira** (Representante dos Familiares de Sá Carneiro): — Mas podem ter falado entre vocês. Não?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Entre nós falámos.

O Sr. Eng.º **Nuno Cerqueira** (Representante dos Familiares de Sá Carneiro): — E qual foi o seu *feeling* de novo? A opinião geral era que se tratava de um atentado, ou a opinião geral era que se tratava de um acidente?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Na altura não me pronunciei sobre o que pensava, nem ninguém me perguntou o que é que eu pensava. Na altura, pelas pessoas com quem falei, não foi discutida nem uma ou outra hipótese, apenas foi discutido o acidente.

O Sr. Eng.º **Nuno Cerqueira** (Representante dos Familiares de Sá Carneiro): — Nessas conversas nunca se pôs a hipótese de atentado?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Repare, nessa altura, eu não tinha conhecimento, nem poderia ter opinião, sobre se teria sido acidente ou atentado. A ideia geral era a de que tinha sido um acidente, porque não tínhamos, nem eu nem os restantes membros do Conselho, uma ideia concreta do que realmente se teria passado.

Portanto, formular uma hipótese nessa altura era perfeitamente inviável.

O Sr. Eng.º **Nuno Cerqueira** (Representante dos Familiares de Sá Carneiro): — É tudo, Sr. Presidente.

O Sr. **Presidente**: — Não havendo mais questões, aproveito para agradecer ao Sr. Tenente-Coronel, com os condicionalismos das transmissões via *skype*, a disponibilidade que teve para nos ajudar a esclarecer as causas e as circunstâncias em que se deu a queda do avião.

O Sr. Tenente-Coronel tem algumas palavras finais a dizer?

O Sr. Tenente-Coronel **José Bernardo do Canto e Castro**: — Sr. Presidente, só quero dizer ao Sr. Deputado Ribeiro e Castro que esteja seguro de que vou tentar encontrar a cópia dos documentos que foram enviados à Comissão Europeia. No entanto, devo dizer que este é um apartamento muito pequenino e as coisas estão amontoadas, mas vou fazer o melhor possível para encontrar essa cópia. Se por acaso a conseguir encontrar, transmitirei por *e-mail* e, então, acertaremos a maneira de vo-la enviar.

O Sr. **José Ribeiro e Castro** (CDS-PP): — Muito obrigado, Sr. Coronel.

O Sr. **Presidente**: — Mais uma vez, muito obrigado pela sua disponibilidade, Sr. Tenente-Coronel.

Srs. Deputados, recebi do Sr. Augusto Cid e do Dr. Luís Filipe Rocha no sentido um requerimento da vinda à Comissão da esposa do piloto Jorge Albuquerque, em virtude da importância da informação que a mesma possui sobre o momento em que ficou decidida a deslocação ao Porto do Primeiro-Ministro no *Cessna* da campanha.

Temos também de marcar a audição da Sr.<sup>a</sup> Filipa Lavanchy, cujo nome de solteira é Filipa Melo e Castro.

Srs. Deputados, podemos tentar agendar estas duas audições para amanhã.

O Sr. **Miguel Santos** (PSD): — Sr. Presidente, em relação ao agendamento das audições, gostaria de dizer que amanhã ou quinta-feira, na medida do que seja possível, seria de facto, o ideal.

Em relação ao requerimento apresentado, francamente, não vemos a utilidade dessa audição em face do que já aconteceu anteriormente e daquilo que já está provado, mas não nos vamos opor a que a audição venha a acontecer.

Finalmente, como já tinha dito ao Sr. Presidente, vamos fornecer de imediato dois números de contacto do Sr. Inspetor aposentado Paulo Bernardino, solicitando que se entre em contacto com ele para verificar da sua disponibilidade em vir à Comissão. De acordo com a informação que a Polícia Judiciária forneceu à Comissão, o Sr. Inspetor Paulo Bernardino estará em Hong-Kong, mas, ao que conseguimos apurar, tratar-se-á de uma visita de negócios, e, portanto, presume-se que estará limitada no tempo e que regressará em breve.

O Sr. **Presidente**: — Muito bem. Tentaremos agendar para o mais curto espaço de tempo as três audições.

O Sr. Deputado Miguel Santos não vê utilidade numa das audições, mas não se opõe à sua realização. Acho que o CDS-PP também não coloca qualquer oposição e o Partido Socialista dirá, depois, de sua justiça, uma vez que não quis colocar questões nesta audição.

Não havendo mais assuntos a tratar, dou por terminada esta reunião.

*Eram 13 horas e 5 minutos.*

A DIVISÃO DE REDAÇÃO E APOIO AUDIOVISUAL.